

A close-up photograph of a hand pulling open a light-colored wooden drawer. The hand is positioned on the left side of the frame, with fingers gripping the edge of the drawer front. The drawer is partially open, revealing a dark interior. The background shows other drawers of the same material, slightly out of focus. The lighting is warm and natural, highlighting the wood grain.

**J. FERRAZ**

**AS COISAS  
QUE EU GARDEI**

# AS COISAS QUE EU GUARDEI

[2020] José de Souza Ferraz Netto

Quero compartilhar com você **“As coisas que eu guardei”**. Um livro de particularidades onde descrevo momentos meus e de pessoas com as quais convivi. Histórias ou breves comentários de experiências ouvidas, assistidas ou vividas.

Grande abraço!

José Ferraz

As coisas que eu guardei...

Lembretes e lembranças, passagens e passageiros,  
idas e voltas, idos e vindos, começo, meio e fim.

Guardei sorrisos e lágrimas, chegadas e partidas,  
amor e ódio, o bem e o mau.

Guardei a indiferença e a saudade, inocência e  
maldade.

Guardei pessoas, lugares, momentos.

Guardei e descrevi como registro da minha e de outras  
tantas passagens pelos cenários diferentes e  
inconstantes da vida.

As coisas que eu guardei...

Um dia desses, uma porta mágica se abrirá.  
Não será em um lugar, mas em um momento da  
evolução de qualquer um.  
Então, a tão incompreendida e ignorada oportunidade  
surgirá surpreendentemente e nos tornará livres de  
comodismos, ideologias, pensamentos e até crenças,  
e seguiremos adiante, por nossa conta e risco, com as  
nossas convicções, e traçaremos um destino.



*Obrigado pai!*

Nos meus devaneios, eu passei por pessoas, por momentos e por lugares.

O destino, afinal, era um lugar fictício onde a insanidade e a irresponsabilidade prometiam me levar. Um lugar onde nunca iria chegar. Perdi a noção dos dias e das horas e deixei escapar as oportunidades em que deveria ter estado mais presente, ter sido mais o filho, o irmão, o pai, o amigo.

Depois de tantos finais, restou o homem recuperando a identidade, que venceu a maldade que aprisionou a ingenuidade por longos anos. Sou de 72, mas aos 42 acordei. Hoje sou a mudança que tanto busco, o homem sensato e íntegro que o casulo metamórfico da vida ainda processa.

"Cicatrizes são as evidências de que você foi mais forte do que aquilo que lhe feriu".

*Aos filhos Thárcila e Pedro.*

## **Apresentação**

Materializar esse livro, transformar relatos ou descrições bem particulares em algo acessível à leitura de qualquer um, foi postergado por muitos anos.

Anotações ficaram guardadas em folhas de cadernos, espalhadas em gavetas. Passagens e experiências com as quais convivi, intimamente ou não, de maneira inusitada, me inspiraram a descrever, do meu jeito, as mais variadas situações.

Deixo em **“As coisas que eu guardei”** o registro de momentos que vivi, de pessoas com as quais convivi, e de histórias que ouvi, resumidos em anotações breves, bastante simples.

Que este possa servir de inspiração, refúgio ou companheiro nos momentos em que uma presença física não é tão imprescindível.

*Em memória de Antenor, Jandira, Elenira e Antenor Filho.*

*Saudade não tem tamanho, não tem lugar, não tem volta.*

*Saudade é um cantinho íntimo, uma gaveta no secreto armário da memória, onde estão guardadas histórias.*

*Saudade é o vazio na vida.*

*Saudade é a tristeza incontida.*

*Saudade é o sonho perdido.*

*Saudade é a ausência.*

*Saudade é a carência.*

*Saudade é o vácuo da existência.*

*Saudade é o coração que soluça querendo de novo.*

*Saudade é a alma querendo um lugar, um momento que o tempo jamais trará de volta.*



## **Dadeja**

Dadeja era uma mulher desprovida de malícias, sem maldades, sem qualquer tipo de vaidade.

De alguma forma esteve presente na vida de todos de nossa família, desde o início de nossas vidas. Bondosa e carinhosa, sempre foi a referência de atenção, zelo e carinho.

Dadeja foi a segunda mãe de muitos de nós.

Discretamente, sempre esteve presente.

Eu não podia deixar de homenagear uma pessoa que foi imprescindível na minha vida e na vida de muitas pessoas do meu tempo.

Como dizia seu Darci: - Você sempre foi uma mulher de se tirar o chapéu.

Esteja em paz.

*(Obrigado Dadeja, pelo amor e pela generosidade)*

## **Envelheço na cidade**

Às vezes até chego a pensar que já estou fazendo hora extra por aqui, mesmo tendo o tempo, agora, como aliado, meio desconfiado. Envelheço na cidade com autenticidade.

Envelheço sem rótulos, no anonimato, e até excluído de certos grupos sociais onde são aceitáveis apenas aqueles que não questionam absolutamente nada e, assim, não têm o senso crítico de analisarem e entenderem exatamente o que ocorre no ambiente onde vivem e, desta forma, não sabem o que fazer para modificar o que realmente precisa ser transformado.

Tenho todos os dias a graça de 24 horas para continuar escrevendo uma história onde “eu” sou o protagonista.

Escrevo, edito, reedito a todo o momento de acordo com circunstâncias naturais e nunca de acordo com situações cômodas.

Não sou vítima, sou o escritor/roteirista/ator/diretor da minha vida.

## **As coisas que eu guardei**

Um pouco aqui, ali, atrás da porta, debaixo do tapete,  
nas gavetas, no porão.

Histórias, fatos, causos, contos, relatos.

Vi, vivi, li, ouvi, absorvi, escrevi.

Ruas sonâmbulas, janelas entreabertas, luzes  
apagadas.

Percebi, senti, entendi, descrevi.

Choros, risos, mágoas, lamentos, decepções,  
inquietações.

Presenciei, embalei.

A vida me levou e me trouxe de volta de tantos  
lugares. Alguns eu jamais quis estar.

Eu voltaria sim, agora, sóbrio, a alguns deles.

A experiência dos dias já não me causa espanto, há  
tanto.

Hoje, ver, viver, perceber, sentir e entender já não  
causa mais nenhuma euforia, como eu outros dias.

A vida continua aí, pela grande avenida.

O velho trem da história passou tantas vezes e eu não  
embarquei.

## Velha infância

Passar o anel, pique esconde, pique lata, amarelinha, bolinha de gude, bola de meia.

Brincadeiras de criança, sem maldade, ainda na flor da idade.

- Já é tarde!

- Sai dessa chuva, sai desse frio, cuidado com esse vento. Vai acabar pegando um resfriado!

Não tinha tempo, nem vento, nem chuva, nem frio, nem assombração, nem pinta roxa, nem o homem que comia vidro que causasse medo.

Era tarde, era noite, eram sempre as mesmas crianças nos bancos, nas ruas, nas árvores.

Pique esconde, pique lata, amarelinha, bola de gude, bola de meia.

Atrás do toco pregando susto com caveiras de mamão com vela acesa dentro e dando gargalhadas.

No tal do Zé qualquer apelido pega.

O Zé das caveiras de mamão, nas noites escuras feito breu, de pés no chão, assustando até cão.

Minha velha infância.

## **Você se lembra?**

Eu correndo pelo pátio e você atrás da escola, confusa e indecisa. Implorou pelo mesmo beijo que me negou um dia. Você se lembra?

Não esperava que tudo voltasse à tona logo depois do nosso inesperado reencontro, depois de tantos anos.

Você se lembra?

Deveria não ter significado muita coisa, mas eu alimentei esperanças por um tempo. Deveria ter sido somente um reencontro, depois de tantos desencontros. Não esperei nada de você além daquele sorriso de surpresa.

Foi um abraço incomum, olhares estranhos em meio a saudades e ressentimentos. Você se lembra?

Tudo por causa daquele beijo que nos negamos.

Correndo pelo pátio, pelo tempo, atrás da escola, atrás de promessas que nunca se cumpriram.

Ficou o olhar, o desejo, a vontade de voltar para aquele mesmo lugar onde os sonhos não se realizaram.

O toque, o sorriso, o brilho nos olhos, a suavidade da face, o cheiro, tudo no mesmo lugar, no mesmo

tempo, debaixo daquela mesma aroeira vermelha, congelado, estático. As promessas e os sonhos ficaram lá. Você se lembra?

*“O amor sempre esteve ali para amarmos, e nós não amamos”.*

## **Sobre alma gêmea**

Quando a sua alma gêmea lhe encontrar revelará o melhor que há em você.

Sua alma gêmea vai despertar a sua atenção para você mesmo para que possa mudar a sua vida. Na vida de algumas pessoas ela só entra para mostrar o melhor que há na pessoa e depois vai embora.

(Ao amigo Lucemir)

## **Perdeu a graça**

Ela sabia que ele era o admirador que a timidez escondia. Percebia o seu olhar disfarçado, o seu jeito confuso e atrapalhado sempre que passava.

Pela fresta da janela, atrás da cortina ele assistia enquanto ela desfilava sua beleza e seu carisma pela avenida. Um sujeito oculto com o seu amor inocente. O tempo passou e cresceram assim, sem olhar nos olhos, sem palavras, sem toques.

Anos depois, o gelo daquele silêncio foi quebrado:

- Por que você sempre se escondeu?

Ele engoliu seco a saliva, franziu a testa e respondeu:

- Eu sei que, mesmo na minha descrição, você me via e fingia que não. Sempre foi a menina cortejada por todos, com tanta malícia, que provocava desejos por onde passava.

Eu temi ser apenas mais um nas suas brincadeiras prazerosas, por isso me contive. Desisti de olhar quando você se tornou muito vulgar, e até o seu passeio de todas as tardes na praça eu deixei de observar.

Você continua linda, mas perdeu a graça.

## **Guardei o que você me deu**

Guardei o calor dos abraços e a doçura dos beijos que você me deu.

Volta e meia eu me perco em lembranças embaçadas e, quando dou por mim, cá estou de novo, sentado no mesmo banco, em frente à velha casa de tábuas azuis, debaixo do mesmo pé de manga espada. Então, assisto aquele antigo filme que retrata a vida de outros tempos, e caminho pelo mesmo cenário opaco, pelos momentos, desde o dia em que nasci. Estou sempre aqui, entre pássaros, flores, entre cinzas de lembranças que o vento leva e traz. Vejo o menino magrinho, de cabelos encaracolados, correndo descalço na rua, na chuva, nas poças de lama, tendo a eterna figura, serena e tranquila, debruçada na janela, da mãe que ama.

*Guardei o calor dos abraços e a doçura dos beijos que você me deu.*

Obrigado mãe!



## **Um momento no tempo**

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos solidão, um vazio inesperado e inexplicável, uma ausência que não compreenderemos;

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos saudade de alguém que se foi ou de algo que se perdeu;

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos tristeza. Talvez seja pela monotonia do dia-a-dia, pelo tédio ou por uma desilusão qualquer;

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos alegria. Talvez seja pelo sorriso dos nossos filhos, pela autêntica sinceridade do amor dos nossos pais ou simplesmente por uma realização pessoal;

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos felicidade. Talvez, por alcançar um objetivo ou por um amor correspondido;

Haverá sempre um momento no tempo em que sentiremos atração, amor e paixão. Talvez, pelo

impacto de um primeiro contato ou pela fraqueza emocional que provoca alguma carência;

Haverá sempre no tempo um momento em que sentiremos solidão, saudade, tristeza, alegria, felicidade, atração, amor e paixão.

Cabe a cada um, viver intensa e plenamente todos esses momentos.

Somos parte de uma história, e toda história se faz de momentos no tempo.

"Nossas vidas são definidas pelas oportunidades, principalmente pelas que perdemos".

*(Assistindo "O curioso caso de Benjamin Button")*

## **Bom te ver mais uma vez**

Bom te ver mais uma vez!

Estranho e meio louco ainda não entender o sentimento confuso que alimentamos por tantos anos.

A maturidade me fez entender que você é o grande amor da minha vida, mas que não seria o amor para a minha vida. E eu precisei ver você feliz ao lado de uma outra pessoa, para entender isso.

Foi a minha libertação!

Não existem dívidas a serem cobradas, nem tempo perdido, nem sonhos desfeitos.

Bom te ver outra vez, caminhando pela praia tão livre e solta e eu de mãos dadas com o amor que encontrei e aceitei para a minha vida.

Não foi o destino, foi o tempo mesmo!

Bom te ver outra vez, sorrindo e olhando discretamente, seguindo sua estrada, buscando o meu olhar que hoje já não pode mais corresponder.

Bom te ver outra vez, tão linda, tão leve e tão solta, desfilando ao sol da manhã.

Quando eu imaginava me prender ainda mais, você veio e me libertou daquela grande ilusão. Hoje, eu sigo em paz, sem culpa, sem sentimento algum de perdas ou danos, apenas vivendo a minha realidade, com o amor que encontrei e aceitei para a minha vida.

*Ainda vou lembrar-me do nosso amor e sentir  
Saudade, mas já não lhe procuro mais.*

*Outro dia vi você caminhando pela rua tão linda e  
distraída. Parecia feliz.*

*Evitei olhar!*

*Você me viu, mas também fingiu.*

*Afinal, foi esse o nosso trato.*

*Seguimos caminhos opostos, pela mesma calçada,  
vivendo em outras vidas.*

*Melhor assim!*

*Melhor não saber de você, nem você de mim.*

*Você continua sendo a mesma atriz.*

## **A malícia de Letícia**

Ela caminha sozinha, vazia, nua e crua, pela casa, pela rua, pela vida.

A malícia isolou Letícia.

Hoje, a mulher tão vivida, é arrependida.

Fases saltadas, etapas queimadas e um cigarro já bem tragado é o que lhe resta, somente, melancolicamente.

Olhando pela fresta do seu tempo, onde ficou ancorado, em algum lugar, o que restou dos destroços do seu barquinho de papel indefeso em que navegava na sua ilusão, depois das tantas viagens loucas pela contramão de uma vida irresponsável. Bebeu, fumou, cheirou, transou, iludiu, chorou, sorriu. Puta que pariu!

Enlouqueceu seus amantes e empobreceu o seu próprio espírito.

Agora vaga sozinha e fria sem ter motivos para lembrar-se de uma única história sequer.

Vaga sozinha arrastando sua bagagem vazia.

Tanta malícia amargurou Letícia.

## Funerais

Na distância profunda do horizonte, na angústia de uma lembrança remota: Morre a tarde;

No extremo de uma solidão, em um vazio sem dimensão, na tristeza de horas longas, numa vã expectativa: Morre a esperança;

Na imobilidade do sol, no silêncio interior, numa estranha sensação de uma saudade sufocando a razão, numa deprimente emoção, numa lágrima: Morre a lembrança;

Entre destroços de uma paixão espatifada, restos de verdades, resíduos de uma realidade cruel: Morreu o amor.

*(Quando o amor morreu em você)*

## **Carro de boi**

- Menino, vem para dentro que os carreiros estão chegando.
- Pega o bolota e fecha logo esse portão.
- Nozinho, a poeira vai amarelar a sua roupa.
- Desce pro córrego e vá se lavar. Dona Aderça gritou lá do fundo, de em um cercado, entre jerimuns e macaxeiras.

Mas o menino gostava de ver os carros e os bois desfilando desde lá do alto do morro.

Antenor gostava de ouvir as modas que o violeiro tocava na escada do casarão: - “Passa carreiro, com sua tropa, carreando por esse sertão...passa moça bonita, com seu vestido de bola, passeando pelo meu coração...vai boi...vai boi”.

Os carros de boi passando e o menino Nozinho cantarolando a velha cantiga decorada dos carreiros.

*(História que ouvia de meu pai do seu tempo de criança)*

## **Aquele nosso tempo**

A gente sorria e nem sabia que já era amor. Que o nosso caso sem compromisso já era o início de uma louca paixão.

Nos entregávamos à calma do encontro das nossas almas tão cheias de tesão.

O velho tempo da nossa mocidade em que tudo parecia mera casualidade.

Brincávamos, corríamos ao relento, imaginando que seria sempre daquele jeito.

Os juramentos ficaram presos naquele tempo em que nada parecia ser maior do que a paixão.

Não podia mesmo ser amor. Nem um amor permitiria tanta dor.

Ontem a noite a saudade veio falar comigo. Ela me lembrou de você, de nós.

O tempo não nos perdoou.

Eu chorei por nós dois, soluzei de saudade, lembrei daquela nossa felicidade, das nossas fugas da realidade.

Hoje a saudade veio me visitar e só falou de você e lembrou de nós.



## Onde descansa a lembrança

Volta e meia eu me tenho olhando para o nada, como quem descansa os pensamentos na distância, em um horizonte de lembranças.

Volta e meia eu me tenho soluçando, com aquele choro preso de menino, de anos, meio que angustiado pelo tédio desses dias estranhos que vieram depois dos 40.

Sinto saudade dos amigos que não vejo mais, da mocidade que ficou para trás.

Volta e meia eu me tenho em lembranças espalhadas pela memória que me trazem a nostalgia de momentos que a vida me permitiu por um tempo e depois levou embora.

Volta e meia eu me tenho ao acaso, ao momento fora do tempo, ao sono acordado, ao pensamento por um momento, descansando nessas lembranças de tudo.

Volta e meia eu me tenho feito um bobo sorrindo sozinho, chorando discretamente num cantinho, como quem agradece a vida por ter me permitido estar sozinho nesse lugar que é só meu e sentir

novamente sensações gélida de tantas situações, de toda a história escrita e impressa nas ruínas da minha memória.

*Bom para você que parece ter encontrado mais um porto seguro.*

*Vai parar de me ligar.*

*Eu cansei de lidar com esse seu amor vagabundo que fazia de mim só mais uma opção na sua agenda de pecados e luxúrias.*

*Enfim, posso descansar minha consciência sem condenar os meus tolos consentimentos carentes.*

*Já não preciso mais fugir da sua tentação e nem viver mais o ridículo de estar em suas mãos, sempre tão acessível, sempre tão fácil.*

*Bom para você!*

## **A história de amor de Fernando e Luiza**

Eu passei anos ouvindo o meu saudoso amigo João que dizia categoricamente que a vida segue uma ordem natural de acontecimentos sucessivos, simplesmente, sem que a ação do ser humano interfira diretamente na causa ou na consequência em tudo o que se vive. Eu discordava disso, pois acredito na teoria da causa e do efeito, em que cada escolha que fazemos ou atitude que tomamos ou não, gera uma consequência, que pode repercutir por toda uma vida. Escolhas precisam ser feitas com muita consciência, deixando de lado até mesmo algumas crenças, nos desprender de modismos e de comodismos que podem nos manter apegados a situações até confortáveis, porém, incertas e imprevisíveis.

A história de Fernando e Luiza é mais uma de tantas que não deu certo e que se perdeu pelo tempo, devido ao comodismo e outros obstáculos que surgiram ou que foram simplesmente criados para que nunca pudesse seguir o seu curso.

Fazia frio naquela manhã de fevereiro de 1978 quando Fernando entrou pelo portão principal que dava acesso ao pátio da antiga Igreja Batista que ficava bem no centro do povoado de Córrego D'água.

Dona Jandira, sua mãe, o deixara ali, depois de uma breve conversa com Dona Maria Malvina, aquela que seria a primeira professora do menino. Ainda tinha sete anos e estava chegando para o seu primeiro dia de aula numa classe improvisada onde estudaria apenas por um ano. Eram todas crianças desconhecidas umas das outras.

Mesmo tendo o sinal soado, Fernando, o menino franzino e tímido, permaneceu ali em frente ao portão como que assustado com todo aquele movimento de crianças que corriam pelo pátio em direção às salas de aula.

Uma Rural Willys, de cor esverdeada, parou bem em frente ao portão onde o garoto parecia estático, observando sua professora à porta recebendo os alunos para o início daquele ano letivo.

Foi então que uma jovem saltou, ajudada por um senhor de chapéu de abas largas, com uma

expressão firme e fechada, que a deixou na entrada do portão e depois foi embora. Foi quando Fernando conheceu Luiza, a menina dentuça, de cabelos castanhos claros longos que, de alguma forma, o marcaria para sempre.

Os dois somente se olharam por um curto momento e entraram para a sala de aula. Por coincidência, se sentaram um ao lado do outro, numa daquelas carteiras duplas, que antigamente se usava nas escolas, onde até dois alunos podiam se sentar.

Assim, eles passaram a fazer todas as atividades juntos e, inevitavelmente, desenvolveu-se, com o passar dos meses, uma grande amizade.

Ali, naquele improviso, os dois estudaram apenas um ano. Ao final daquele período, Luiza se mudou para uma cidade distante e eles perderam o contato por um tempo.

Anos depois a família de Luiza voltou a morar no, então, distrito de Córrego D'água, quando se reencontraram na secretaria de uma escola recém-inaugurada na época, onde estudariam novamente juntos, já na quarta série.

No ano seguinte eles estudaram em escolas diferentes e não se viam mais todos os dias, mas nem assim se distanciaram. Todos os dias Fernando levava Luiza até o portão da escola que ficava próxima à Igrejinha do Córrego Alegre, distante 1 km de onde ele estudava.

Tempos depois, ambos já tinham 13 anos de idade e estavam novamente juntos numa mesma sala, na sexta série do ginásio numa outra escola, naquele mesmo distrito.

Fernando desenvolveu uma sensibilidade inusitada para escrever poemas e até crônicas sobre assuntos ou temas diversos, inspirado no mesmo talento de uma irmã que morrera anos antes em um acidente de carro e Luiza era a amiga que sempre lia tudo o que ele escrevia, pois só confiava a ela ler e opinar.

E foi entre temas tocantes e textos carregados de romantismo que a paixão fluiu. Foi algo muito além de sorrisos tímidos e olhares discretos de admiração que um tinha pelo outro.

Havia entre eles um cuidado especial, carinho e proteção. Havia muito mais do que amizade

sincera e a cumplicidade em todo aquele despertar de sentimentos mútuos que as palavras de Fernando expressavam no que escrevia para uma simples avaliação de Luiza.

Foi assim que o amor despertou entre dois pré-adolescentes, amigos desde a infância.

A amiga que lia e avaliava seus escritos, passou a ser o tema principal de toda a sua inspiração e a amizade se transformou, inevitavelmente, em uma paixão, como consequência de uma relação extremamente doce, pura e verdadeira.

O que realmente os levou a se apaixonarem daquela forma provavelmente teria sido a cumplicidade e a delicadeza com que se tratavam, o carinho e a segurança com que dividiam pequenas coisas, pequenos segredos.

Uma nota muito importante dessa história é que mesmo tendo o amor despertado em ambos, eles, por timidez, não se declaravam. Existia um medo em comum de que a amizade de anos pudesse ser prejudicada pela paixão que despertara caso não se concretizasse.

Permaneceram estudando por mais dois anos, até a oitava série do colegial, sempre naquela mesma rotina de estarem juntos antes, durante e até depois da escola sem se pronunciarem sobre o amor que despertara dois anos antes.

Fernando escrevia, Luiza lia e guardava os poemas que eram sempre escritos inspirados nela.

Ambos eram tão tímidos que tinham medo de declarar aquele amor e pôr em risco uma amizade antiga. Esse era o grande medo mesmo. Eram muito jovens, sem nenhuma experiência. Estavam apaixonados demais e confusos por não saber como agir, como ter uma iniciativa e tornar concreto todo o amor que embalava o desejo quase incontido que tinham de se abraçarem e se beijarem, expressar e viver livremente todo aquele sentimento.

Foi somente no final do último ano do colegial que aconteceu o primeiro e único beijo (naquela época) dessa história de amor que se perdeu.

Um certo dia, depois da aula, Luiza precisou ir ao centro daquele povoado comprar agulha e linhas para a sua mãe e Fernando foi com ela, mas a



deixou na porta da loja e foi embora, pois ela estava na companhia de uma de suas irmãs, que também estudava na mesma escola.

Pouco tempo depois, Fernando já estava em casa, em seu quarto quando sua mãe bateu na porta dizendo que alguém o chamava no portão. E quando foi ver, teve uma surpresa pois se deparou com Luiza, que nunca havia estado em sua casa.

- Eu não esperava que viesse aqui, Luiza.

- Preciso muito falar algo para você e tem que ser hoje, senão, vou enlouquecer.

Ele a chamou para entrar e foram para o seu quarto onde uma canção romântica soava baixinho tornando aquele momento ainda mais envolvente.

Eles ficaram se olhando por algum tempo, enquanto seus corações estavam acelerados, numa mesma frequência. E nenhuma palavra foi dita até que se envolveram em um abraço caloroso e em um beijo ardente e demorado há muito tempo desejado.

Foi assim que se tocaram e sentiram o calor do primeiro beijo, do primeiro amor que ninguém esquece.

Suas vidas nunca mais seriam as mesmas depois daquela tarde, daqueles momentos em que um amor de tantos anos parecia estar se concretizando naqueles tantos sorrisos bobos, nos beijos e abraços que pareciam não ter mais fim.

Conversaram e decidiram não se expor, principalmente na escola, pois havia o receio de que alguém os denunciasse para os pais dela, e tudo ficasse ainda mais difícil para o relacionamento, pois eram muito rígidos e dificilmente permitiriam. Só era permitido a Luiza ir à escola ou a igreja durante a semana, sempre acompanhada dos próprios pais. E os dois só se viam no ambiente da escola onde não tinham oportunidade de estar a sós.

Eles passavam angustiantes finais de semana longe um do outro. Dificilmente podiam sequer se ver de longe fora da escola. Luiza e sua irmã praticamente não tinham vida social, não frequentavam nenhum evento além das festas na igreja ou as que aconteciam na própria escola.

Com 15 anos, ambos viviam sensações e emoções comuns da idade. A ansiedade e o desejo que desabrochavam por novas descobertas.

Conviveram com as tantas dificuldades, com os impedimentos, as barreiras, que se formavam diante daquele amor. A pouca idade, a inexperiência, a inveja de algumas pessoas e outras armadilhas que existiam pelo caminho e que ambos não conheciam, foi determinante para que a história de amor de Fernando e Eliza se perdesse pelo tempo.

A década de 80 para nós, da época, ainda no antigo Córrego D'água, ficou historicamente conhecida como os incríveis anos das festinhas de fundo de quintal, dos lendários bailes do Hawaii, dos casais agarradinhos, dançando músicas românticas ou dançantes e viajando em seus romances ou aventuras. Fernando se aventurava como DJ nas festas que aconteciam sempre em casas de família, mas também frequentava as danceterias que sacudiam aquele povoado ainda pequeno, naqueles idos anos dourados da sua adolescência, nas matinês, sempre aos domingos à tarde. Ele imaginava como seria curtir tudo aquilo ao lado de Luiza, mas isso nunca foi possível.

Em um desses finais de semana em que passaram distantes um do outro, na companhia de amigos, numa daquelas tantas festinhas em que Fernando era tão cortejado pelas garotas saidinhas que viviam querendo um momento a sós com aquele garoto bonito, de cor clara, de cabelos encaracolados e olhos castanhos, surgiu a figura estonteante de Ana Clara, uma menina graciosa, uma admiradora até então desconhecida, que vivia na expectativa de conhecê-lo, que já havia tentado uma aproximação por intermédio de amigos incomuns. A menina mulher vadia que lhe roubaria a chance de viver plenamente, um dia, a sua grande história de amor com Luiza.

Ana Clara já era uma mulher de 18 anos que atraiu o garoto tímido e ingênuo com a sua beleza e suas insinuações ousadas e indiscretas.

Ela já tinha certa experiência de mente e de corpo e usou maliciosamente para seduzir o menino de 15 anos, descobrindo o seu próprio corpo e a sua sexualidade. Fernando foi envolvido por tudo aquilo que Ana Clara tinha a lhe oferecer e que ainda era desconhecido por ele.

Assim, levado por doses exageradas de bebidas, pelo desejo e envolvido por sensações e emoções totalmente novas, Fernando caiu na armadilha da luxúria e cometeu o maior erro da sua vida. Traiu para sempre o amor, a paixão e a amizade de Luiza, desconstruindo, assim, toda uma trajetória, uma história.

Fernando se deixou levar pela ilusão de sensações que nunca sentira. A ilusão do tesão que sempre acaba no prazer, depois que o corpo se satisfaz. E deixou, momentaneamente, de lado, a emoção pura do coração quando se ama. E depois disso já não era mais o mesmo. Passou a se encontrar com Ana Clara quase todos os dias, inclusive nos finais de semana, onde viviam todas aquelas loucas emoções. Ficavam simplesmente, sem nenhuma responsabilidade e se divertiam bastante.

Imaginem como foi trágico e decepcionante para Luiza saber que aos poucos perdia o seu grande amor, iludido por uma rival desconhecida que lutava com armas poderosas e que ainda tinha o tempo e os momentos oportunos a seu favor.

Mesmo assim Luíza insistiu na tentativa de fazer com que Fernando acordasse daquela sua ilusão. Tentou de todas as maneiras mostrar para ele que o mais importante era o amor que um dia nascera da timidez, da lucidez e do companheirismo de ambos. Mas foi inútil. Ele estava vivendo uma paixão carnal e até imoral para os costumes da época. Já estava profundamente envolvido pelo calor do corpo daquela mulher que lhe deu as primeiras experiências sexuais.

Tudo aquilo que estava acontecendo com Fernando faziam com que o jovem perdesse aos poucos o interesse pelo relacionamento difícil e imprevisível com Luíza. Ela era uma menina muito presa pelos pais. Mas ainda insistiria por um certo tempo em recuperar o seu amor e ter de volta a atenção e o carinho de Fernando. Mas ficava sabendo cada vez mais sobre o seu envolvimento com a tal garota que conhecera nas baladas.

No ano seguinte eles já estavam cursando o 2º grau numa cidade vizinha e iam e voltavam de ônibus, quase sempre juntinhos, muitas vezes sem se falarem.

Fernando já era aquele garoto desinteressado, que já não dava atenção a Luíza e isso a magoava muito. Eles não saltavam no mesmo ponto. Ela sempre descia muito antes que ele, amargurada. E foi assim por quase todo aquele ano.

Certo dia, quando voltavam para casa, ainda no ônibus, sentados juntos, Fernando percebeu que Luíza chorava baixinho olhando para fora, para a paisagem daquele caminho, mas não perguntou o que estava acontecendo com ela. Ela chorou durante todo o percurso, em silêncio. Nesse dia ela não saltou em seu ponto como fazia todos os dias, e Fernando sequer notou aquilo.

Assim que o ônibus parou no ponto do rapaz, ela se levantou e desceu com ele. Ela o acompanhou até o portão de sua casa sem lhe dizer uma única palavra. Aquele dia ficaria gravado em suas memórias como o dia em que o amor, a paixão e a amizade dos dois se definharia total e definitivamente.

Chegaram em frente ao portão da casa de Fernando, ela se negou a entrar. Ela abaixou a cabeça e ficou ali ainda chorando por alguns instantes.

Ele, de certa forma, sabia o motivo.

- Eu notei que você chorou por toda a viagem e que ainda está chorando.

- Por que veio até aqui e não quer entrar?

Ela ergueu lentamente a cabeça e olhou profundamente nos olhos dele.

- Eu quis vir aqui hoje para me despedir do meu grande amor.

- As minhas lágrimas e o meu silêncio simbolizam toda a tristeza que estou sentindo por estar saindo definitivamente da sua vida.

- A partir de hoje você será uma pessoa comum na minha vida, mesmo sabendo e sentindo que vou sofrer muito por isso. Mas prefiro sofrer na distância do que estar por perto e sofrer ainda mais sabendo que você está com outra. Eu ainda vou amar você por muito tempo, mesmo sabendo que não vamos mais ficar juntos. Estou abandonando um sonho lindo e maravilhoso que eu fiz de tudo para viver, mas reconheço que os meus princípios, a minha família, não me permitiriam idealizar.

Ela ainda chorou por alguns minutos ali parada na frente do seu grande amor, que permaneceu estático



diante daquela situação sem esboçar nenhuma reação.

- Essa foi a última vez que lhe procurei. De agora em diante vou viver a minha vida.

E Luíza virou-se e foi embora da vida de Fernando.

Nada mais foi como antes entre os dois depois daquele dia.

Continuaram estudando juntos por mais um ano, mas foram se distanciando e já não trocavam mais nenhuma palavra e foram se tornando praticamente estranhos.

Ela se mudou no final do ano com a família para outra cidade e Fernando ainda continuou vivendo o seu romance com Ana Clara por mais alguns meses, mesmo sabendo que aquilo não iria a lugar algum.

Algum tempo depois descobriu que estava sendo enganado por ela e pôs fim ao relacionamento.

A história de Fernando e Luíza talvez tenha pecado pela pouca idade, pela falta de experiência e outros caprichos do destino que fizeram a história dos dois amigos, que se apaixonaram, não acontecer. Eram muito jovens para entender todo aquele amor.

Ele permaneceu morando ali naquele mesmo lugar,

naquela mesma casa, naquele mesmo povoado anos depois se tornaria cidade.

Não houve reencontro, não houve contato algum por longos 18 anos.

A saudade e a curiosidade estavam sempre presentes na vida de ambos. Aquele amor e aquela frustração permaneciam de alguma forma no cotidiano deles.

Moravam em cidades tão próximas e não sabiam. Não houve mais aquela coragem de um procurar o outro. Se distanciaram e permaneceram incomunicáveis por todo esse tempo.

Seguiram suas vidas. Ele se casou, teve um casal de filhos e se divorciou.

Naquele tempo, Fernando era um profissional da área administrativa e trabalhava numa empresa pública.

Ele vivia a sua rotina, sem nunca esquecer a mulher que havia perdido.

O reencontro começou quando certo dia Fernando estava em sua sala e a telefonista ligou para o seu ramal e anunciou que alguém estava na linha e queria falar com ele.

Seria mais uma daquelas ligações em que alguém faria alguma reclamação sobre valores de contra-

cheque que supostamente estariam incorretos ou qualquer outro assunto. Mas desta vez não seria. Do outro lado da linha uma voz suave soou pelas entranhas da sua alma.

- Bom dia Fernando!

- Você ainda se lembra da minha voz?

Ele não conseguia falar absolutamente nada. Um silêncio congelante travou a sua voz e uma lágrima escorreu por toda a extensão de sua face até cair sobre um bloco de papel sobre a mesa.

Ela ficou chamando...chamando.

- Fernando é você?

- Eu estou falando com Fernando de Souza Ramos?

Depois de um breve silêncio, ele respondeu com uma voz rouca e soluçante:

- Me perdoe, Luíza!

- Eu fui um grande tolo, idiota e insensível.

- Deixei uma aventura estragar uma história que tinha tudo para ser maravilhosa.

- Por favor, Luíza, me perdoe!

- Eu preciso me livrar desse peso que me atormenta há tantos anos.

- Depois que a minha ficha caiu eu pude perceber a

injustiça que havia cometido com você. Eu lhe procurei por tantos lugares, em vão.

- Como você não tinha parentes por aqui, eu não tive como obter qualquer notícia sua e de seu paradeiro. E Fernando chorava e soluçava cada vez mais.

Luíza pediu para que ficasse calmo e a ouvisse.

- Fernando, essa ligação vive nas minhas intenções e desejos há muitos anos. Esse contato ficou guardado e adormecido no meu coração até o dia de hoje, até esse momento.

Ele respirou fundo e seu coração saltava no peito.

- Luíza, eu sei que fui cruel e covarde com você. Abri mão de um amor que só me queria bem. Deixei-me levar por uma ilusão e não soube esperar por você.

- Eu a procurei e ainda procuro, pois preciso ouvir da sua boca que me perdoa. Eu preciso do seu perdão para poder seguir a minha vida em paz. Para que eu possa me desapegar dessa angústia que me persegue por dezoito anos. Para que eu possa ter a certeza de que você não guarda mais nenhuma mágoa de toda aquela besteira que eu fiz. Por favor, me perdoe!

Do outro lado, Luíza falou:

- Fernando, eu já te perdoei há muito tempo por isso. Éramos muito jovens e não tínhamos consciência do que sentíamos ou fazíamos. Você encontrou alguém que lhe deu o que eu não podia lhe dar naquele momento. Agora você precisa absolver-se de suas culpas e viver a sua vida, em paz.

O perdão de Luíza libertou Fernando de uma dolorosa e triste sensação em que a sua consciência o aprisionara por anos. Ambos sabiam que aquela conversa não podia acabar ali e conversaram em outras ocasiões, por telefone, por longos minutos, todos os dias.

Ela sempre soube que ele morava na mesma cidade, mas achou melhor não o procurar mais. Ela tinha os seus motivos. Luíza também trabalhava numa empresa pública, no setor financeiro da prefeitura de sua cidade.

Dias depois, por coincidência, Fernando estava de passagem pela cidade de Luíza, e sem que ela soubesse, ele foi até o seu local de trabalho para fazer-lhe uma surpresa.

Ao chegar à recepção, disse que queria falar com ela, mas que gostaria de não ser anunciado. A recepcionista o levou até a porta da sala onde ela trabalhava. Do lado de fora ele perguntou com a voz trêmula:

- Essa é a sala da Senhora Luíza?

Do lado de dentro ela respondeu:

- Quem deseja falar comigo?

Ele respondeu quase sussurrando:

- Alguém que veio de um passado muito distante.

Foi possível ouvir ela levantando e correndo, pois já sabia de quem se tratava.

Quando abriu a porta, ambos ficaram se olhando por um curto período de tempo e se abraçaram forte e longamente ali mesmo. Numa reação imprevisível, suas bocas se tocaram fortemente por eternos minutos.

Se beijaram e se abraçaram com suas bocas, seus corpos e suas almas tão cheias de saudade.

Ela o convidou para entrar e se sentar, e ficaram ali se olhando, se admirando, e conversando sobre tantas coisas. A sensação foi de que os anos não

havam se passado e que ambos não tinham estado por tanto tempo distantes.

Luíza, naquela época, era casada e vivia uma crise conjugal e Fernando já era divorciado há dez anos.

Depois daquele dia combinaram um outro encontro e mantiveram contato e que não permitiriam mais estar distante um do outro,

Conversaram a tarde toda, mas Fernando precisou ir embora, pois tinha naquela semana compromissos na empresa em que trabalhava. Continuaram a se comunicar por telefone e, assim, foram mantendo o contato que prometeram nunca mais perder.

Certo dia ela ligou e o convidou para saírem e novamente conversar pessoalmente. Então, se encontraram numa praia, na cidade onde ela morava, e caminharam pela areia numa tarde fresca. Falaram de suas vidas, suas vontades e desejos e de suas metas. Quando ainda jovens, eles tinham um sonho comum de andarem juntos pela praia de mãos dadas, e assim fizeram, sem temor algum e sem pressa.

Parecia que aquele amor de anos pedia uma nova chance para se materializar, maduro e consciente.

Era tanta saudade, tanto desejo, tanto tempo perdido que eles pareciam não querer mais se distanciar. Passaram o resto daquela tarde em um motel ali mesmo, perto da praia, vivendo uma experiência diferente de tudo o que ambos haviam tido na vida até aquele momento. Entre abraços e beijos, se amaram com toda a intensidade de um amor reprimido no passado, mas que sempre se manteve vivo dentro deles. Foi mágico.

À noite Fernando voltou para a sua cidade.

Depois daquele dia eles se encontraram por mais uma vez e passaram maravilhosos momentos juntos.

*Mas, como essa é a história de um amor que se perdeu*, algo iria acontecer para que os protagonistas não fossem muito longe com as emoções do seu reencontro e não continuassem a viver a sua grande história de amor já interrompida uma vez ainda na adolescência. Depois do último encontro houve um estranho intervalo de vinte dias sem que tivessem qualquer tipo de contato.

E tal atitude partiu de Luíza, que deixou apenas uma mensagem para Fernando em que pedia um tempo para resolver definitivamente sua situação conjugal,



e que voltaria a fazer contato.

Ele entendeu toda aquela situação e aguardou.

Um dia, quando as coisas pareciam estar se encaminhando para um final finalmente feliz, Fernando recebeu uma ligação de Luíza. Ela chorava com a voz um pouco trêmula.

- Fernando, eu estive pensando muito em tudo isso que estamos vivendo, depois de todo esse tempo que passou, em toda a nossa história.

- Hoje eu não sou mais aquela garotinha de dezesseis anos que colecionava seus poemas, que chorava na escuridão do meu quarto, que quase enlouquecia por não poder estar perto de você e por não saber o que poderia estar fazendo naqueles intermináveis finais de semana. Agora, eu sou uma mulher casada, mãe de dois filhos maravilhosos.

- Eu sei que não vivo um bom momento no meu casamento, mas tenho os meus filhos, que precisam de seus pais sempre juntos, independentemente da situação.

- Eu sei que pode ser difícil para você entender, mas não posso abrir mão de minha família nesse momento.

Luíza, então, deixava claro com aquelas palavras que não seria possível refazer uma história de amor que um dia havia se perdido no tempo e no espaço. Já não havia mais momento nesse tempo para reviver o sentimento que ficara guardado em em seus corações. A realidade que ela vivia não permitiria que aquela história pudesse ser reeditada. E mesmo com a insistência de Fernando, ela pediu para que ele a desculpasse desta vez e que não a procurasse mais, pois estaria dando uma nova chance ao seu casamento, pelo bem dos seus filhos e de sua família. Foi tudo muito estranho e triste para Fernando, depois de tanto tempo, reencontrar Luíza, viver momentos que nunca tinham vivido, sentir aquele amor de outros tempos ressurgir com toda aquela intensidade no seu coração, e ter que voltar a manter distância, e viver aquele trágico silêncio novamente.

Ele, então, fez uma difícil e triste promessa de respeitar aquela decisão e não mais a procurar ou fazer qualquer tipo de contato. Por mais que o seu antigo amor ressurgido das cinzas o forçasse, em alguns momentos a, pelo menos saber como ela

estava, depois de algum tempo, aquele amargo silêncio prometido, precisava valer e permanecer. O destino, às vezes, é como um carro sem direção, que atropela sentimentos e ignora as consequências. Passados alguns anos, esse mesmo destino os colocou novamente frente a frente em um outro desses reencontros inesperados.

Foi no verão de 2009, quando Fernando alugou uma casa em Guriri para passar as férias de janeiro. Ele, até então, nunca mais havia voltado àquele lugar, pois sabia que Luíza frequentava aquele mesmo balneário. Seus filhos, insistentemente o convenceram a mudar a rotina das férias da família e passar uns dias por lá. Ele, que sempre evitava frequentar aquela praia, já não tinha mais aquele receio de reencontrar com ela, mesmo tendo feito aquela promessa. Por ser um lugar público, poderia promover algo inesperado. Ele saía praticamente todas as noites com seus filhos para passear pela orla, degustar algum tipo de comida típica e sentir a brisa fresca do mar.

Denise e Lucas adoravam todo aquele ambiente de luzes de neon fluorescentes e o som eletrizante dos trios elétricos que animavam uma multidão que se reunia sempre na pracinha.

Em um desses passeios noturnos eles caminhavam pelo calçadão. Era sábado e o vento do litoral estava um pouco mais forte. Naquele vai e vem de pessoas que passavam por ali eles se depararam com uma mulher acompanhada também com dois filhos já adolescentes, que vinham em direção oposta. Era Luíza.

Aquele era um momento totalmente estranho para ambos, depois daquela última conversa, depois daquele último fim.

Eles não se olharam em sinal de respeito e curvaram suas cabeças e seguiram seus caminhos, sem sequer olhar para trás.

Denise notou, de imediato, a mudança repentina no semblante de seu pai:

- Pai, aquela mulher que passou por nós chamou você de "Fê", aquele seu apelido antigo.

Fê era o seu apelido desde o colegial e Luíza era a

única pessoa que o chamara assim naquele tempo. Seus filhos até sabiam da história que o pai os confidenciara. Uma lágrima escorreu pela face de Fernando e seu filho Lucas percebeu:

- Pai, o senhor está chorando?

Denise, que gostava de zombar de seu pai, por ser um homem muito sentimental, sorriu e disse:

- Lucas, nosso pai é um chorão, você não sabe?

- Ele chora revendo fotos antigas, chora lendo textos, chora ouvindo aquelas suas coletâneas de músicas antigas, chora em certas datas.

- Com certeza alguma coisa aqui, nesse lugar o fez lembrar de algo ou de alguém e por isso está assim.

Lucas perguntou:

- Pai, você conhece aquela mulher que passou por nós?

Fernando permaneceu em silêncio.

Lucas insistiu:

- Ninguém mais o chama por esse apelido.

Denise sorriu e comentou:

- Tem alguma coisa a haver com aquela mulher que passou por nós agora.

- Notei que ela estava nos observando há um bom tempo, antes de passar por nós, e quando passou lhe chamou de “Fê” e sorriu discretamente.

Lucas sorriu e disse:

- Melhor deixar nosso pai com as suas lembranças, minha irmã.

Fernando abraçou seus filhos, um de cada lado, e continuaram caminhando até quase o final daquele calçadão, sem dizer mais uma só palavra.

Mais tarde, quando voltavam pela avenida principal, Lucas viu Luíza novamente acompanhada com os seus filhos. Notou que ela ainda perseguiu Fernando, com olhares, pela praça. Mas desta vez o menino não comentou nada com o seu pai.

Depois daquele verão nunca mais se viram. E foi assim que a história de amor de Fernando e Luíza sucumbiu novamente diante de uma realidade cruel, diante do tempo que foi impiedoso com o amor deles. Ele nunca concordou, mas aceitou a decisão de dela.

Atualmente, eles ainda vivem nas suas cidades, e nunca mais trocaram uma única palavra ou mensagem.

Acredito que ambos, discretamente vasculham as redes sociais buscando postagens para saber como vivem e como estão atualmente. Luíza continua vivendo as idas e voltas da instabilidade do seu casamento, praticamente em função dos filhos, e Fernando, não se casou mais.

Eles sabem que nada vai mudar o que aconteceu, e que o velho amor reprimido pulsará em suas veias por toda a vida, mesmo que nunca mais voltem a se ver, mesmo que a vida não lhes permita mais outros reencontros, entre tantos desencontros que o destino proporciona aos amantes que não conseguem viver a sua grande história de amor.

## Figura de mestre

Estou sentado no mesmo canto da antiga sala diante do mesmo velho quadro negro.

Você está feito uma muralha instrutiva no centro da classe.

Seus gestos, seu semblante de almirante, sua voz de ordem, firme, ecoa pelo tempo.

Seus ensinamentos são atalhos que distancia a ignorância.

Você sempre foi o controle, a razão.

Sua palavra, personalizada, era a clareza.

Sou um discípulo dos seus ensinamentos, um ser experiente da sua instrução.

Mas o colégio silenciou!

Você parou, sua voz se calou, seu armário se fechou, e a antiga sala se trancou.

Sou um fantasma aqui, sentado no mesmo canto, nesses últimos anos que ainda me restam.

Sua miragem continua ali, frondosa e maravilhosa.

Seus livros sobre a mesa.

Sua mão faz contornos delicados pelo quadro de anos passados.



Agora, sua imagem é só uma ilusão! Você foi caminhando com os seus inconfundíveis passos largos pela vida a fora e, para trás, ficou a antiga escola, no tempo do seu tempo.

(Eronita - Ao mestre, com carinho)

*Abandonei a vida cigana e aqueles desprezíveis  
sentimentos nômade.*

*Fiz o que o seu sorriso me pediu e estou livre, pronto,  
solto, forte, consciente, agora.*

*Esses dias de outono são nossos e a brisa na varanda  
convida para sairmos pela cidade.*

*Sua mão na minha, minha vida na sua, vamos para a  
rua.*

*Chega de almas vazias.*

*O meu caminho cruzou com a sua estrada.*

*Quem diria?*

*Naquele beco sem saída havia uma porta secreta.*

*Eu jamais imaginaria que, dia menos dia, com você eu  
me encantaria.*

## **Era só uma menina**

Nega era só uma menina triste que chorava na realidade escura do seu quarto.

Era só uma garota amarga, que fingia ser feliz e realizada nas baladas regadas a sexo, álcool e drogas.

Era só uma menina que teve a infância roubada por um lar destruído, com um pai precocemente falecido e uma mãe entregue ao alcoolismo.

Nega era só mais uma vítima da miséria que a forçara a se entregar a qualquer um para ter onde ficar.

Nega era só mais uma menina áspera que fugia da sua realidade.

Era só uma menina fria que não se apegava a nada.

Nega era só mais uma menina vazia, cheia de decepções.

Uma menina crua que corria nua pelo seu tempo. Era só mais uma menina vadia e vazia que tinha um olhar vago.

Nega era uma menina que se camuflava por detrás

da fumaça de um trago.

Era só mais uma menina que todos queriam, mas que não entendiam.

Ela só queria brincar. Nega era só mais uma menina linda, triste e vazia, incapaz de amar e fácil de se apegar.

Nega era só uma guria que destruía corações e roubava sonhos de quem ousasse se envolver.

Nega era só mais uma menina da noite, cruel e misteriosa, que chegava e saía da vida de qualquer um instantaneamente e deixava feridas na alma e corações sangrando.

Nega era cruel, Nega era fatal, Nega era doce. Era vadia, vazia.

Nega deixava saudade nos corpos dos homens sedentos por sensações falsas de amor.

Nega deixou feridas na alma e mágoas no olhar. Sempre deixava aquela vontade de voltar.

Nega era só uma menina fria, vazia, vadia.

*“Mentiras são folhas soltas que o vento leva para qualquer lugar”.*

## **A farsa do palhaço**

Que ironia!

Na escuridão de um picadeiro sem plateia o palhaço chora.

Na angústia da saudade do seu amor frustrado, o palhaço está só e triste, sem plateia, sem luzes, sem risos.

O palhaço chorando a dor do seu amor!

O palhaço é um falso!

Não passa de um cara sozinho e infeliz na escuridão do picadeiro do seu próprio ser.

Palhaço fingido, sozinho, chorando escondido no seu vazio.

E a sua alegria?

Sem amor, sem plateia, sem risos, sem graça.

O palhaço é um fingido!

Um homem menino perdido e desiludido na escuridão do seu circo, só.

E os risos?

Vejam só o palhaço chorando agora e a plateia sorrindo, esperando por ele lá fora!

Palhaço fingido, falso, sozinho e triste.

Cadê sua alegria, palhaço sem graça?  
No fundo, você não passa de uma farsa.

*"Um ser exageradamente feliz enconde uma tristeza que não condiz".*

*Eu corria dos trovões enquanto você brincava na tempestade.*

*Eu escrevia poemas enquanto você dormia no sofá.  
Tantas vezes eu toquei sutilmente o seu rosto e você nunca acordava.*

*Eu queria ter estado ali, para sempre, ou até quando você despertasse. Mas um dia, de alguma forma, eu tive que ir embora.*

*É estranho!*

*Queremos tanto, por um tempo, e depois, por algum motivo, abrimos mão.*

*(Ter ido embora foi uma escolha muito difícil)*

## **Passou**

Me procurou na hora errada, Senhora!

Me fez um grande favor, me libertou.

Já não carrego mais a bagagem desnecessária do passado, nem tenho mais nossas histórias.

Limpei as gavetas, joguei tudo fora.

Me procurou na momento errado!

Naquele nosso último instante fomos precipitados e estávamos confusos.

Não havia mais tempo a ser dado aqueles momentos, que já estavam marcados nas promessas de outrora.

Veio tarde, Senhora!

Mesmo que não seja outra fuga, melhor deixar suas palavras se perderem pelo tempo e evitar constrangimento.

Quando eu estava só, você vivia indecisa nas suas ida e voltas do seu confuso relacionamento.

Ainda esperei por alguns anos convivendo com as lembranças de tantos desenganos.

Estou em paz com o meu presente.

Me procurou na hora errada, Senhora!

## **Aprendiz**

O olhar era uma rejeição, sempre à primeira impressão.

O pensamento, a intenção dizia não.

Negou até o direito que querer.

Um dia desses, olhou com outros olhos, da realidade sem temor, contrariando sua fala, seus gestos.

Agora vive, enfim, a liberdade, segue os novos caminhos que a sensatez sugeriu.

Seja feliz, minha aprendiz!

Você treinou, agora aprendeu a voar.

Siga seus planos, não volte mais atrás.

Agora o coração se libertou dos apegos, das sofrências da paixão, e não anda mais na contra-mão.

Foi morar em outro lugar e escrever outras histórias e não quer ter nem mais nas memórias os desassossegos daqueles temporais.

Seja feliz, minha aprendiz!

## Arco-íris

Entre as lembranças do meu drama você foi meu arco-íris, um destino impossível de se chegar.

Quanta coisa se perdeu, minha senhora, vida a fora, pelos dias, pelas horas.

Onde andará você, agora?

Passou com a caravana do tempo pela minha história e eu não peguei carona na viagem encantada que o seu sorriso insinuava.

Agora tudo é um vazio, é só tristeza na memória.

Quanta coisa se perdeu, minha senhora, vida a fora, pelos dias, pelas horas, pelos atalhos enganosos dessa minha trajetória.

Onde será que mora, eu me pergunto acordado fora de hora?

Minha saudade buscou você por tanto tempo e o próprio tempo só trazia a cruel realidade.

Desfilou na avenida dos meus sonhos e eu não pude lhe estender a mão.

E foi embora, meu arco-íris, aos prantos, pedindo tanto para ficar.



Meus olhos correm pela casa, buscam vestígios de quem há tanto já não se encontra mais.

Agora vagueio dissimulado pelo tempo, na saudade do arco-íris que do céu do pensamento nunca desapareceu.

Quanta coisa se perdeu, minha senhora, vida a fora, pelos dias, pelas horas, entre as lembranças do meu drama, da minha história.

*Os dias se vão e a tanto já não sinto mais o tempo.*

*Na beira da estrada, numa curva da vida, num momento, talvez lhe encontre, me implorando a mão, me pedindo carona.*

*Desilusão, é o fim de algo que só existiu em nós.*

## Coisas fora do lugar

Quando acordei você já não estava mais.

Coisas fora do lugar.

Eu preferia tudo como era antes.

Bola na chuva, tempo de escola, crianças correndo no quintal.

A vida agora é temporal.

Os velhos meninos, os velhos sonhos, velhas manias, e a gente só queria brincar.

Quando acordei você já não estava mais.

Ando sangrando, perambulando, e as coisas fora do lugar.

Eu preferia tudo como era antes.

Brincar no escuro, subir no muro, contar os carros, Contar histórias.

A vida agora é temporal.

Os velhos meninos, os velhos sonhos, velhas manias, e a gente só queria brincar.

Quando acordei você já não estava mais.

## **Dia comum, tudo normal**

Pano molhado no chão, roupas estendidas no varal.

Mamãe está cantando a canção que mais gosta enquanto varre o quintal.

Rabiscos nos cantos de uma folha de jornal.

Debaixo de um céu de anil, papai está sentado no velho banco, na sombra do pé de manga, contando suas histórias, vendo pessoas, vendo o tempo passar.

Rua da Matriz, boteco do Jura.

Um entra e sai de gente num sábado de manhã.

Dia comum, tudo normal na avenida principal.

O cotidiano acontece!

Gente circula pelo centro do povoado.

Dia comum, tudo normal.

Seu Hilário carroceiro passa disparado pelo meio, açoitando seu animal ligeiro, assustando crianças brincando na rua.

Dia comum, tudo normal, no enredo dos velhos dias, nas alegorias das lembranças do meu carnaval.

## **O quarto escuro dos arrependimentos**

Agora vivemos esses novos tempos e só somos vestígios de outrora.

Nossas lembranças são remanescentes de tantos outros dias.

Vivemos o agora apegados de alguma forma ao que fomos, assistindo o passar dos nossos anos quase sem nenhum entusiasmo.

Precisamos voltar ao começo e nos libertar. Nossas filosofias mentirosas e contraditórias oprimem os nossos ideais que deixamos para trás. Chegará o momento em que a ideologia será tão pura e doce como a poesia.

Paremos de sonhar por alguns anos e fuçamos para o quarto escuro dos nossos arrependimentos. Vamos atrás daquilo que sempre precisamos para mudar a realidade.

Espantemos nossos fantasmas, nossos temores mais antigos, nossas barreiras sentimentais, nossos medos vorazes.

Abracemos a nossa grande paixão e não tenhamos mais medo da escuridão.

Libertemo-nos da opressão dos nossos dias vazios.  
Paremos de sonhar por alguns anos e fuçamos para o quarto escuro dos nossos arrependimentos.  
Reencontremo-nos com os nossos temores e vençamo-os de uma vez.  
Fuçamos da realidade, mas não da nossa verdade.  
Ainda temos algum tempo do resto das nossas vidas.  
Paremos de sonhar por alguns anos e fuçamos para o quarto escuro dos nossos arrependimentos.  
Precisamos voltar ao começo e nos libertar.  
Vamos atrás daquilo que sempre precisamos para mudar a realidade.  
Ainda temos algum tempo do resto das nossas vidas.  
Ainda temos algum tempo.

*“A pior solidão é ter um coração se negando a uma possibilidade, tendo a razão, repetitivamente a insistir para que se espere novamente outra oportunidade”.*

## Foi assim

O tempo não apaga algumas pegadas, nem cicatriza certas feridas.

Uma flor entre espinhos, foi assim que eu a encontrei.

O sol no horizonte depois de uma tempestade, foi assim que eu a desejei.

A vida é o porto onde navios chegam e partem.

Administrar uma saudade que insiste em alimentar o desejo de ter e de pertencer não é tão fácil assim.

Sempre ao meu alcance, era assim que eu a queria.

É possível ignorar a própria existência, mas não uma ausência, cujas evidências deixaram sequelas na personalidade.

Eu não pude enxergar aquela verdade, nem aceitar a sinceridade que me machucava.

Tive que ver tudo se desmoronando para ver que estava errado.

Diante de tanta incredulidade eu precisei aceitar, sem querer entender, que era ingratidão.

## Quando um grande amor se desfaz

O vazio dentro de mim e uma solidão que apavora.  
Com o coração e a mente se espatifando um contra o outro, procurei algum motivo que explicasse toda aquela ausência repentina.

Entendi as razões, mas não conseguia acreditar que tinham surgido como consequência de uma fraqueza sua.

Acreditei que fosse diferente e aceitei correr o risco de expor meu coração, já tão surrado, a outra possibilidade de viver um outro amor.

A paixão repentina me lançou alucinado de encontro a qualquer vestígio seu.

Meus sentidos eram radares que captavam, de imediato, qualquer impulso, qualquer vibração. Estava ansioso mesmo pressentindo tudo o que viria.

Você arrancou o meu escudo e me deixou indefeso diante de tudo aquilo que me ameaçava.

Quando eu mais esperava ser ferido por um dos tantos inimigos do meu amor reprimido,

surpreendentemente, o primeiro tiro partiu de quem me iludia.

Sua arma carregada de indecisões me atingiu no peito e me lançou ao chão.

Caindo aos poucos, eu ainda pude ver o seu semblante. Você ironicamente sorria.

Ainda assim, na minha dor, eu sussurrei:

- Não me deixe morrer de amor!

*Coisas da vida, chegadas e partidas, encontros e despedidas.*

*Hora se vem hora se vai, e tudo se esvai.*

*E quem se foi e quem ficou, quem sorriu, quem chorou?*

*Na verdade, não sei dizer.*

*O que se desfez, talvez, simplesmente deixou de ser, fechou um ciclo.*

*Voltará, de alguma forma, na retina e nas lembranças, outrora.*



## O nosso tempo

O tempo passou e nos trouxe aqui, agora, nesses novos anos de nossas vidas.

Jovens nos embalos da nossa geração, na nossa breve adolescência dançando, bebendo e sorrindo.

A juventude escorreu pelos dedos dos jovens marotos que só queriam curtir os momentos, crescer e amadurecer um dia.

Hoje, somos imagens desgastadas. Agora somos os senhores e senhoras, com a responsabilidade que a vida nos impôs.

Somos a consciência das nossas lições.

A saudosa mocidade ficou no tempo.

Cada um segue escrevendo a sua própria história.

Somos senhores e senhoras de cabelos grisalhos, fotografias em porta retratos na estante da sala de qualquer um, parte de álbuns empoeirados de recordações.

Doces ou amargas lembranças de toda uma vivência.

Ah, a nossa juventude!

## Sentimento abdicado

Lembro das crianças correndo pelo quintal, envolta da casa de tábuas azuis.

Lembro do banquinho, na entrada do portão, lá atrás, na velha infância.

Lembro do baile na escola, da música que dançamos, do beijo, da magia, da boca que ardia de ansiedade, do amor inocente que nascia.

Eu me lembro das promessas, das juras.

Eu ainda me lembro das cartas perfumadas.

Lugares, objetos e cheiros sempre me levam ao velho sótão da memória, a lembranças intocadas e espalhadas pelo chão marcado do meu tempo.

O que a vida fez das nossas vidas?

Ainda ontem eu passei por você e sequer nos olhamos, como combinamos.

Em algum lugar do roteiro da nossa história, páginas foram rasadas.

Abdicamos do amor para vivermos à sombra desse nosso estranho comodismo comportamental.

O que houve, afinal?

## **Ninguém sabe de nós**

Ninguém sabe de nós,  
desse caso tão antigo,  
dos amantes que se tratam como amigos,  
desse nó que não desata,  
dessas nossas complicações.

Ninguém sabe de nós,  
das provocações no meio da rua,  
das fugas no meio do dia,  
dos encontros barulhentos,  
dos banhos de espuma.

Ninguém sabe de nós,  
da paixão de tantos anos,  
da nossa irresponsabilidade,  
da pluralidade.

Ninguém sabe de nós,  
do sexo a qualquer hora,  
dos beijos quentes,  
dos encontros ardentes.

Ninguém sabe de nós...

## Releitura

Você não tem cura!

Grita e até jura, mas ainda me procura.

Você é um caso ao acaso,

um incêndio, um temporal;

imprevisível e indomável;

psicótica e neurótica;

envolvente, entorpecente, deprimente e carente;

gulosa, gostosa e mentirosa;

doida e afoita.

Fica maluca, quando o beijo é na sua nuca. Envolvente,  
geniosa, doida, desprezível.

Você é um furacão imprevisível,

uma tempestade de maldades,

uma delícia Incorrigível.

# Cinderela

Estou no portão esperando por ela.

Lá vem ela, toda bela, se achando numa passarela, a minha Cinderela.

Olha como ela anda, olha como ela pisa, olha como ela cheira, olha como ela provoca, olha como ela olha.

Lá vem ela, toda bela, se achando numa passarela, a minha Cinderela.

Elegante, provocante, insinuante, deslumbrante.

Lá vem ela, a mais bela, a minha Cinderela, desfilando como numa passarela.

E lá vai ela, a donzela singela, caminhando como numa passarela, toda bela, a minha Cinderela, e os meus desejos vão atrás dela.

Ela passou por anos pela mesma passarela e sempre me sorria.

Só quando foi embora, a minha Cinderela, é que eu descobri que era apaixonada por mim e eu por ela.

*(Não espere sua Cinderela ir embora)*

## O segredo de uma promessa

Um buquê de flores jogado ao chão revela que aquele amor não teve mais jeito.

Mais uma vez ela não conseguiu perdoar o seu maior defeito.

Aquelas palavras ditas sem pensar, cortaram-lhe a alma e o seu coração sangrou.

E hoje, ainda choram!

Um amor que parecia certo, logo se transformou em um grande deserto.

Não deveriam mais viver assim, presos a um passado ruim.

O que se faz com um amor assim?

Corações que ainda batem na mesma frequência.

Ficou combinado por respeito que ninguém violaria um certo direito.

E se amam em silêncio e em segredo.

Um pacto feito, uma dolorosa promessa.

*(A promessa de 87)*

## **Preciso estar assim**

Mais uma vez eu traí o amor e não permiti que os dias bons viessem.

Espantei os pássaros que vinham todas as manhãs cantar na minha janela.

Dei adeus a um sonho que não podia sonhar, a uma ilusão que não podia mais alimentar.

As noites já não normais, percebendo os velhos vultos, e os lobos estão de volta para roubar a minha paz.

Já não existem mais promessas a serem cumpridas, nem sonhos a serem sonhados.

Preciso estar assim, sem ninguém para mim.

Sigo as horas nesse silêncio inquieto, imaginando os pássaros que não virão mais aqui, vendo o sol nascer da janela da minha alma, que agora vive certa calma, nesses meus novos dias, nessas horas tumultuadas que passo trancado nesse meu sanatório particular escrevendo memórias sem aquela dor de outros tempos aparentemente felizes.

## Mesa de bar

Deprimente nós aqui, em meio a tanta nostalgia,  
nesta mesa de bar, tragando saudades e desilusões,  
chapados, confessando segredos e nos expondo ao  
ridículo de nossa embriaguez.

Peculiaridades à mesa e olhos embaçados.

Nossa visão, depois de tantas doses, binocular,  
trilocular.

Resenhas sobre um tabuleiro, numa mesa de bar  
onde tantos bebem por seus motivos.

Um brinde aos reencontros aqui, nesta mesa de bar,  
aos amigos que não vejo mais e aos amores que  
ficaram para trás.

Bebamos para lembrar de jamais esquecer de quem  
ainda nos querem bem.

Na euforia de tantas doses nos permitir ouvir "Manga  
Rosa" e e homenagear a vida que anda meio  
esquecida.

Recordando o que vivemos um dia.

O que temos pra hoje é saudade.

*(Aos amigos que não vejo mais)*



## Razão e loucura

Na beira desse precipício de loucuras, eu conto estrelas.

No vácuo de uma interminável monotonia escrevo palavras sem sentido.

No compasso desse tempo estático, sou consciente nesse meu sanatório particular, no meu quarto, à meia luz, à meia noite.

Meu coração, avariado e alienado já não me responde mais.

Temo qualquer atalho que a emoção imprevisível possa me oferecer.

Não sigo mais aqueles vultos alucinados de desejos, como outrora.

O mesmo abismo sempre estive ali, tão próximo.

A fraqueza emocional sempre diz: -Vai!

Eu sempre ia mesmo sabendo que nunca chegaria a lugar algum.

la sempre ao fundo desse mesmo precipício para onde a solidão sempre me lançava depois que as batalhas solitárias sessavam.

Na escuridão, eu percebia sempre os mesmos

velhos fantasmas do passado.

E eu sempre volto e me refaço de tudo, e me lanço no tempo com a esperança de não mais cometer os mesmos erros.

*Eu viveria tantas outras vidas e abdicaria de todas as vaidades por mais alguns instantes ao seu lado só para saber como seria.*

*Deixaria a vida cigana para viver mais alguns momentos dentro da sua história.*

*Para ter a sua calma, eu lhe daria a minha alma. Para caminhar lado a lado com a sua alma, eu me entranharia pelos seus labirintos confusos.*

*Mas o amor às vezes segue por outra direção.*

*Estranhamente assim, sem palavras, sem olhares, sem explicações.*

## **Volta e meia**

Volta e meia você estará entregue, sem querer, a uma nostalgia dolorosa.

Vai ver uma fotografia ou um objeto, ou vai ouvir uma música ou ler um texto que lhe conduzirá inevitavelmente a lembranças de pessoas e de momentos que o tempo simplesmente levou.

Volta e meia você vai sentir aquela vontade absurda de ver novamente, de tocar.

Volta e meia você vai acordar, e na loucura extrema da vontade de querer de volta que a saudade provoca, vai até procurar pela casa, chamar pelo nome e alimentar uma esperança momentânea de que ouvirá uma resposta, e um silêncio pavoroso, uma sensação de angústia e desespero vão inundar a sua alma.

É isso que a saudade faz quando não se tem mais por perto, fisicamente, quem você queria ter. Lembrando de palavras, de sorrisos, de cheiros. Um dia desses a gente vai chorar por um desses detalhes que ficam guardados nesses armários do tempo, numa dessas gavetas da lembrança, que volta e meia emergem das profundezas da nossa memória.

Deveríamos ter estado mais, ter sorrído mais, ter abraçado mais, ter amado mais, ter tornado os dias mais prazerosos e alegres enquanto estávamos juntos. Se soubéssemos da dor da falta, abandonaríamos tudo só para ficar um pouco mais e viver um pouco mais, o máximo do tempo possível. Hoje é um desses dias em que corro os meus olhos pela casa, pelo quintal, e sequer consigo perceber vestígios.

Hoje e para o resto da vida, convivo com esse vazio. Fotos, objetos, músicas e fragrâncias, são lembranças que nunca vão embora.

Volta e meia a vida vai nos desmontar assim, com o doloroso vazio da saudade.

Ela parece cobrar de nós exatamente aquilo que deixamos de ser e de viver.

E o pior de tudo é que não podemos mais corrigir nossas falhas e reviver.

Se ainda há tempo de ser, ter ou de estar, viva.

Não há medicina no mundo que cure a dor da saudade”.

## Sentimento vingado

Quem diria que você um dia voltaria arrependido?

Agora quer falar do que aconteceu, voltar atrás.

E o sorrisinho debochado do garanhão da balada já não existe mais.

Se achava demais quando me ignorava.

Enquanto eu chorava você só se divertia.

Parecia que tudo estava indo bem e eu era a sua eterna refém, sempre a disposição.

Mas seu castigo veio pela contramão.

Sua arrogância lhe jogou no chão.

Tão deprimente a sua situação, mas bem que eu gostei.

Vendo você diminuído, com o seu olhar de bandido, abatido, com o orgulho ferido, eu me sinto vingada.

Prepotente demais, confiante demais.

Seu topete caiu e sua autoconfiança sumiu.

Ver você reduzido, de semblante caído, de olhar retraído, me fez bem.

Duro deve ter sido me ver com outro alguém que poderia ter sido você.

*(Ouvindo a amiga Sônia)*

## **A imagem que guardo**

Abri os olhos e logo lhe vi.

Foi a primeira imagem que avistei, naquela noite de 72. Você sorriu e chorou numa emoção indescritível.

Então, cortaram o nosso elo carnal, o cordão. Mas nossas vidas nunca se romperiam.

Sua bondade e serenidade ainda me orientam.

Mesmo na sua fragilidade, eu sempre avistava uma muralha, uma fortaleza.

Mesmo em meio às suas lágrimas eu tinha o seu sorriso.

Sua missão foi carregar o ímpeto e todas as emoções de uma família, suportando dores, temores, no seu silêncio, sozinha.

Acalmou choros, ímpetos, mas ninguém conseguiu reter uma única lágrima sua.

Suas rugas, seus cabelos tingidos de branco, e o seu semblante firme, eram as marcas da sua história que permanecem vivas na minha memória.

*(Jandira, minha mãe, minha amiga e cúmplice)*

## **Quando a sua lembrança morre em mim**

Na insônia de uma madrugada qualquer, ou no frio de uma brisa que vem, ou na tristeza de uma solidão que já não mais me convém, ou na quietude da vida lá fora, ou na angústia de uma saudade que apavora, antes que o sol reapareça.

Quando o corpo reclama uma presença sempre ausente, ou quando o coração já ignora uma resposta que há tanto tempo demora.

É quando sinto você mais presente no meu consciente ausente.

É quando percebo o evadir dos sentidos.

É quando tenho a impressão embriagada de um lembrança que se desfigura.

E é nesse momento que você se desfaz, sempre um pouco mais, em minha memória.

*"Todo sentimento de amor, uma vez desabrochado, se perpetua, num sorriso ou numa lágrima, em lembranças ou em saudades".*

## **Não era para ser assim**

Você até prometeu que deixaria a ironia de lado.

Prometeu tantas coisas que eu não poderia mesmo acreditar.

O grande absurdo é o papel de atriz que você interpreta nesses momentos, seu show à parte que já não impressiona mais ninguém.

Que fique bem claro que eu não te dou uma nova chance, e que fique entendido que não existe mais “nós”.

Esse filme acabou depois de tantos roteiros confusos. Não era para ser assim, um amando demais e o outro fingindo ser feliz.

E quando tudo se tornou um sentimento sério, você veio com mais um adultério e decretou o nosso último fim.

Não era para ser assim!



Um bilhete sobre a mesa e a certeza de que aquele moço contrariado não voltaria mais.

A sua arrogância forçou demais o pobre rapaz, que o deixou incapaz de resistir, e ele partiu.

Agora chora!

Me perturba com o seu remorso.

Não tem mais paz!

Vive inquieta por não ter mais como reconciliar.

O seu fantoche fugiu pelo vão da tua mão.

O seu prisioneiro fugiu.

Vive melhor lá fora sem a sua pressa, sem a sua hora, sem a sua bipolaridade.

Você agora é só saudade!

Foi o que restou de toda a sua maldade.

Foi o que causou a sua personalidade.

## Incógnita

O sentido foge e se desfaz com esse vento que passa.

Os ideais estão à revelia.

O desencontro imprevisível confunde.

A sensação de desvendar o enigma, o desconhecido que não se sabe.

Na exatidão de coincidências a inercia nos atrasa.

No extremo retido do sentimento estão as trágicas  
desilusões, entre os detalhes tortuosos das  
lembranças.

Sorrir nem sempre é se sentir bem.

Pode ser que me chamem, que me cobrem alguma  
coisa, que eu não perceba.

Só não me permito me perder como antes.

Quanto ao disfarce, eu percebo, eu vejo.

A sensação de desvendar o enigma é a angústia que  
me vem, a ansiedade que me convêm.

Só não me permito me perder como antes.

## Tenho a máquina!

Dá pra retroagir, voltar atrás.

Refazer tudo de novo, brincar com o tempo, visitar qualquer lugar, qualquer momento.

Afinal, hoje em dia, é um tormento.

A gente se apressa pra crescer e quando chega lá, quer voltar.

Dá para regressar e ser novamente o herói inocente, que cavalga pelo quintal, montado num cavalo de pau.

Abraçar nossos pais e desfrutar de suas presenças um pouco mais.

Beijar nossos irmãos enquanto ainda estamos todos na mesma casa.

O tempo volta e a gente joga bola, volta pra escola, corre pelas ruas dos nossos velhos dias, como uma história que escrevemos e contamos.

Nossos mocinhos e bandidos mudam de lado dependendo do nosso espírito, nosso estado.

Dá para refazer tudo de novo, caminhar na rua que atravessa o tempo, reencontrando pessoas em qualquer lugar, há qualquer momento.

## **Nosso filme**

Vamos fazer um filme?

Você é a mocinha e eu o bandido.

Então, roubo o seu coração!

Você, indefesa, se entrega à paixão que surgiu de repente.

"The end", é lógico!

Eu beijo a sua boca com uma canção romântica de fundo.

A luz se apaga e a platéia alucinada pede bis.

A tela se acende novamente e lá estaremos nós, completamente apaixonados, lábios grudados, corpos colados.

E o amor será o nosso grande diretor.

Busquei tantas vezes aqueles velhos sonhos bobos de infância.

Já estive aqui com aquele meu velho coração adolescente, na ilusão de que talvez pudesse ter de volta pelo menos um vestígio qualquer.

Voltei somente para ver você mais uma vez.

Corri pelo tempo, feito menino, brincando, sem hora, no sol, na chuva, no sereno.

Escrevia poemas na escola para uma menina que nunca me deu bola.

Corria contra o tempo e o vento.

O olhar que buscava o que não sabia se queria encontrar.

Eu sou o velho menino que ainda ronda a cidade, conversando com a saudade, lúcido e tão sozinho.

## Cais

Cansei de ser o porto seguro onde você sempre atracava seu navio cheio de avarias, sempre depois das suas viagens desgastantes e decepcionantes pela vida a fora.

Já não sirvo mais a você como um estaleiro onde a sua embarcação volta e meia voltava para concertar as mesmas velhas feridas.

Você sempre foi embora depois que eu lhe reconstruí.

Sempre me deixava quando eu me apegava.

Hoje, já não trato mais o seu ímpeto entristecido, nem os seus sentimentos aborrecidos.

Ainda sou um porto seguro, mas também encontrei o meu refúgio dos dias tempestuosos que vivi quando aceitava tentar lhe resgatar de você mesma.

## Na estação

Eu fiquei parado vendo o velho trem da minha história passar tantas vezes.

Fiquei esperando uma resposta, imaginando que numa dessas paradas eu veria a sua imagem, ainda que fosse no último vagão.

A nossa música tocou tantas vezes no antigo baile da saudade e a gente nunca dançou.

Nos meus sonhos tantas vezes eu ouvi “You're the inspiration” como se na nossa última vez.

Até cantei alguns trechos por um bom tempo, mas cansei de esperar.

Hoje, já não vivo mais a fantasia de achar que terei de volta o que se perdeu.

Convivo como a realidade dos meus dias.

O comodismo e a indiferença mataram os nossos sonhos.

*(A vida é o trem e não a estação)*

## Quando eu era invisível

Será que nunca se cansa?

Você sequer é uma vaga lembrança.

Vive me sondando, me espreitando.

Sua ligação ainda persiste, perturbando o meu sono.

Ainda me deparo com mensagens de arrependimento que já não leio.

Você só acordou quando eu despertei.

Só me notou quando já não me tinha mais por perto, ao alcance dos seus interesses.

Agora que não sou mais invisível você me procura.

Precisa me esquecer e seguir a sua vida em paz.

Não sou mais o menino inconsequente, refém dos meus desejos.

Eu lhe dizia que acordaria um dia.

Agora, desperte!

Acorde para entender que eu não sou mais o louco confuso e dependente que vivia em função de você.



## Vontade passageira

Eu passei por você tantas vezes.

A noite tem os seus mistérios, eu cantarolava.

Nunca tive sequer o seu sorriso, mas jamais lhe fiz mau juízo.

Ter estado assim nem era preciso!

De longe, entre estranhas expectativas, eu lhe via na varanda.

Loucas esperanças me assombravam e tentavam me fazer enxergar o que eu não queria e desistir de mais uma aventura do coração, que fugia à razão e se perdia em outra fantasia, e se queimava na mesma velha fogueira de uma “vontade passageira de viver um grande amor”.

Andava pelo escuro, corria em cima do muro, vigiava sua janela, sem jamais ser notado.

Na minha estranha emoção, dava voltas pelo quarteirão assoviando trechos de uma antiga canção.

Eu rondei o seu sono, vigiei a sua casa e você jamais me notou, nunca me viu, e a nossa história nunca existiu.

Eu voltaria exatamente aonde te deixei.

Queria que você me perdoasse, mas eu mesmo nunca me perdoei.

Eu voltaria ao momento em que tive a chance de reparar o meu maior erro e mudaria tudo.

Me despiria de toda a arrogância e medos e seguraria na sua mão e tocaria novamente a sua boca com um beijo.

Viajaria toda uma eternidade para ter, por um instante, a chance de desfazer tudo naquele dia em que deixei você partir.

Me pediu para salvar o nosso amor e eu me calei, me acovardei.

Esse vazio sem dimensão é o preço que sempre pagarei, eu sei.

## Seu último fim

Em cada gesto seu eu percebia um adeus.

Olhando para trás, ainda posso ver os seus passos, intactos, pelo caminho, pela mesma velha estrada.

Ainda guardo os nossos pactos.

Ainda espero você cumprir aquela nossa promessa.

Quem viajasse primeiro, voltaria de alguma forma, voltaria para contar como seria aí do outro lado. E até hoje você não cumpriu.

O tempo estava diferente naquele dia.

O vento soprava forte.

A noite, a lua, a música, o clima, tudo parecia se despedir de você.

Eu dormi e acordei já sem a sua presença física aqui.

Sempre que me lembro de você estou sorrindo. Isso também foi uma promessas, lembra?

Você partiu um dia, mas sempre está por perto, tão dentro do meu coração.

*Aquela noite de sábado, do dia 2 de março de 85, como esquecer?*

Pela praça, pela orla, caminho nos lugares aonde  
comumente você sempre ia.

Ando pela noite, pelos bares, nos lugares onde  
normalmente você sempre estava, sempre tarde da  
noite, acompanhado de muitos tragos, no estado  
embriagado da sua nostalgia.

Uma vida boêmia, uma festa sem fim.

Ouvindo Zé Ramalho, ressaqueado, chamava Raul.

O velho moço.

O gigante sensível, que chorava pela distância dos  
entes queridos, pelas oportunidades perdidas, pelos  
amores incompreendidos.

Hoje, rondando a cidade, só encontro a saudade.

*(Ao amigo Baby)*



**José de Souza Ferraz Netto**, nasceu no antigo Distrito de Córrego D' água, atual Município de Sooretama, no interior do estado do Espírito Santo, em quatro de abril de 1972.

Formado em administração de empresas.

Sua família veio para a região ainda no início dos anos 60, onde se estabeleceram.

De uma família de nove irmãos, José ainda reside em Sooretama, onde é funcionário público e radialista.

Contato: (27) 9 9755-3727

**Instituto Paramitas**